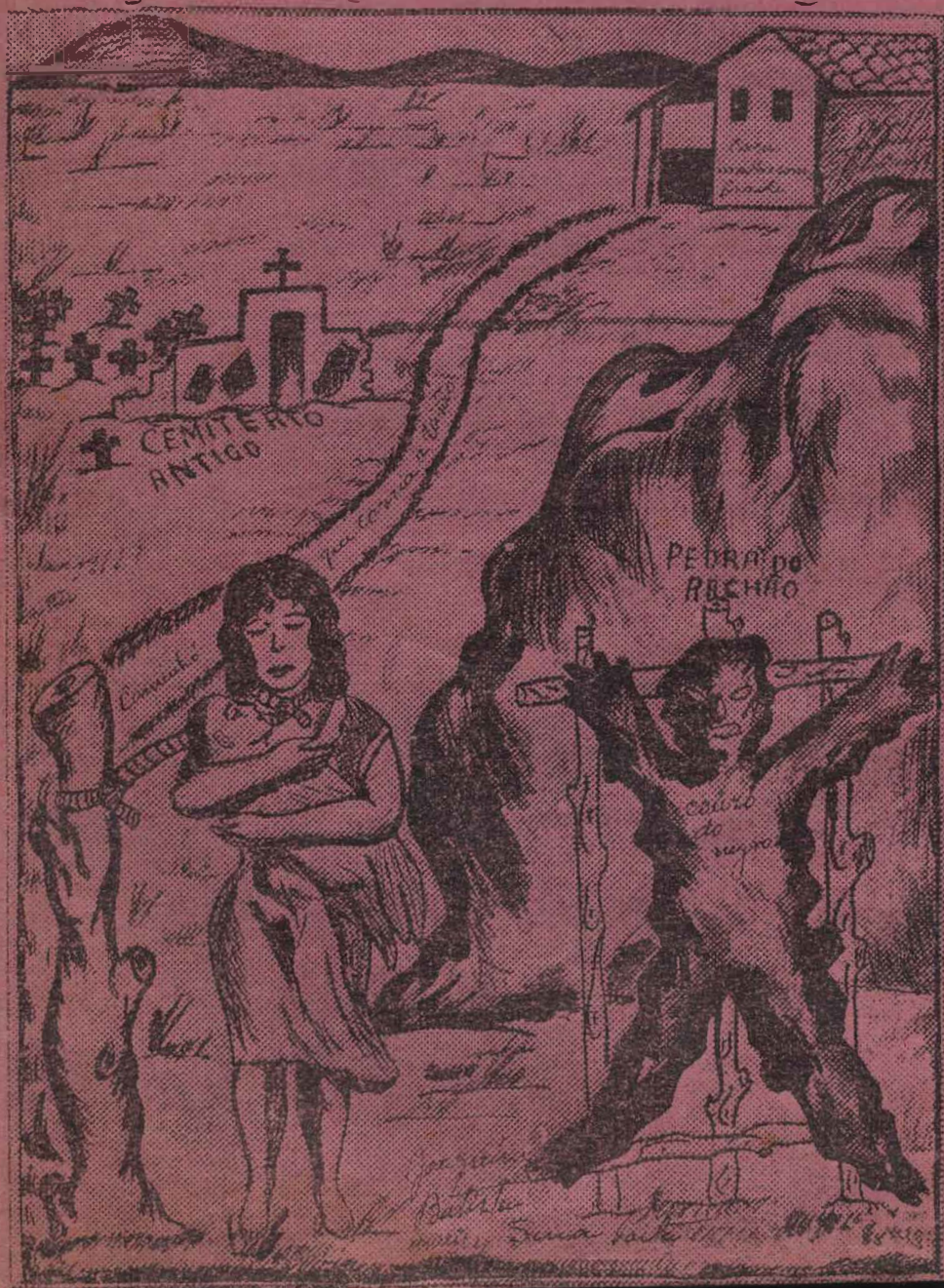


Autor: JOAQUIM BATISTA DE SENA

HISTÓRIA

dos martírios de Emilia e as crueldades de Adolfo Rico



PREÇO CR\$ 60,00

Drama e Verso do Povo

Enviado pelo autor em 26-Setembro-63

(Nota do CPCRB)

História
dos
Martírios de Emília
E AS CRUELDADES DE
— Adolfo Rico —

Neste Romance eu pretendo
em versos sentimentais
narrar um triste ocorrido
de muitos anos atrás
que deu-se lá nas fronteiras
de Mato Grosso e Goiás

Dentro daquelas entranhas
residia um fazendeiro
chamado Filício rico
rústico e muito interesseiro
criador de muito gado
senhor de terra e dinheiro

Tinha mais em seu domínio
uma grande escravatura
cultivava com os pobres
seus campos de agricultura
colhendo assim todo ano
exagerada fartura

Além disto ele vendia
miúça boiada e couro
pegava todo dinheiro
trocava em libras de ouro
e ninguém sabia a onde
ele ocultava o tesouro



Era calado e mesquinho
que não gastava um vintém
a carta que elle apredes
só tinha o V-em
sua mão era uma liga
nunca se abria pra ninguém

Esse traste era viúvo
só tinha um filho solteiro
com 20 anos de idade
ignorante e grosseiro
mas, respeitado por ser
o filho do fazendeiro

Tinha o nome de Adolfo
esse filho de Filício
mais ruim do que o velho
nunca fez um benefício
a qualquer outra pessoa
que tivesse em sacrificio

O Adolfo experiente
todo dia procurava
saber onde o velho pai
com vigilância ocultava
os dinheiros da fazenda
que todo ano apurava

Certo dia que o velho
apuros uma quantia
Adolfo prestou sentido
pra ver se elle estaria
enterrando pelos campos
o ouro que possuia

O velho nada cismando
de Adolfo o filho rapaz
pegou o ouro e saiu
Adolfo seguiu atraz
se occultando do velho
por dentro dos matagais

assim andaram uma légua
por dentro do arvoredó
depois o velho parou
subiu num grande rochedo
presenciou todos campos
daquelle enorme degredo

não euxergando ninguém
lá de cima de talhado
deu uns gritos de socorro
como quem estava assombrado
demorando alguns minutos
desceu da pedra calado

depois cavou com um ferro
num tronco dum pé de louro
descobriu um jarro e nele
botou as libras de ouro
pois era aonde Filício
enterrava o seu tesouro

Adolfo muito escondido
viu tudo como se deu
logo que Filício rico
dali desapareceu
tirou o jarro de ouro
e noutro canto escondeu

Filício dias depois
foi botar curo no pote
só encontrando o baraco
guinchava e dava pinoto
corria naquele campo
como um jumento de lote

Não suspeitando do filho
voltou pra casa calado
trancou-se numa despensa
e nesse quarto isolado
não comia e nem bebia
parecendo alucinado

Adolfo vendo que o velho
já estava sem sentido
entrou no quarto e lhe disse:
papai eu tenho escondido
seu pote cheio de ouro
não morra assim constrangido

Adolfo foi ver o pote
a onde o tinha guardado
quando entregou ao pai
o velho ficou calado
nem quiz castigar ao filho
nem disse muito obrigado

Passaram-se uns quatro dias
o velho sempre molino
acocorado num canto
como quem perderam o tino
Adolfo sempre esperando
qual seria o seu destino

perto da casa do velho
ao lado do outão
num lagoado muito alto
havia um grande rachão
extenso mais na largura
só cabia um patacão

O velho levou o ouro
numa noite muito escura
despejou tôdas moedas
na profunda rachadura
daquelle lagoado enorme
que ninguém sabe a fundura

Depois voltou para casa
atacado de agonia
passou a noite acordado
numa grande tresvaria
enlouqueceu de repente
e morreu no outro dia

Adolfo fez seu enterro
num cemitério ao lado
do lagoado, aonde o velho
havia ali despejado
naquelle cofre maldito
o ouro mal aranjado

Na noite daquelle dia
começou uma visão
correndo do cemitério
para pedra do fâchão
dando gritos alarmados
fazendo esta exclamação

Quem me julga e quem me salva
o fantasma assim dizia
só Emília do Socorro
filha de Dona Maria
esta frase a noite toda
a visão reproduzia

Adolfo não se importava
com aquela gritaria
não resava pelo velho
se quer uma ave-Maria
além de não crêr em Deus
resar também não sabia

Tomou conta da fazenda
e desde aquele momento
tornou-se para a pobreza
malvado e sanguinolento
mais ruim do que o velho
noventa e nove por cento

Era perverso igualmente
uma ave de rapina
descreava dos poderes
da natureza Divina
só olhava para um pobre
para fazer-lhe a ruína

Certo dia Adolfo rico
começou a meditar
para ter uma mulher
deveria se casar
e no seu conhecimento
destinou-se a procurar

Como a riqueza é escória
da pessoa desgraçada
não tardos êle encontrar
uma moça comportada
honestas e trabalhadora
destinta e moralizada

Portanto vamos saber
quem foi esta penitente
que casou-se por engano
com esta infernal serpente
e morreu de fome e sede
atada numa corrente

Ali naquelas entranhas
eboietou-se um casal
por nome Maria Emília
e Bevenuto Amaral
se sabe que aquela terra
não era o seu natural

Come vinham de viagem
cortando aquele sertão
se agradaram do lugar
e fizeram habitação
o casal e um escravo
com o nome pai João

Quando foi um certo dia
dona Maria chamou
seu esposo Bevenuto
à êle participou
dizendo que estava grávida
muito contente ficou

Ela muito satisfeita
com aquela gravidez
era paz e alegria
na casa do camponez
até que um certo dia
foi mãe à primeira vez.

Inda beijou a filhinha
na hora que descansou
deu-lhe o nome de Emilia
a Jesus se encomendou
com avoz muito cansada
por seu esposo chamou

Naquele mesmo momento
atacou-lhe uma agonia
provido pelo excelso
d'uma grande hemorragia
enfraqueceu de repente
e morreu no mesmo dia

Seu Bevenuto Amarañ
nessa hora de aflicção
deu um ataque de morte
que levou vela na mão
passou o resto do dia
só pulsando o coração

Quando o enterro seguiu
lá para o campo sagrado
seu Bevenuto Amaral
ainda estava prostrado
chorando como criança
num canto desgobernado

Pensou em suicidar-se
com um veneno que tinha
mas nessa hora lembrou-se
que também não lhe convinha
e precisava viver
para criar a filhinha

A criança olhou a êle
com os olhinhos azuis
seu Bevenuto acalmou-se
depois disse: Oh! meu Jesus
ajudai-me à conduzir
o peso da minha Cruz

Ficou o pobre viúvo
naquela humilde casinha
com um escravo somente
criando a sua filhinha
se contentava em olhar
para aquela bonequinha

Perante aqueles tormento
o velho negro pai João
trabalhava noite e dia
com toda satisfação
para que o seu Senhor
não passasse privação

Assim triste e desgostoso
viveu esta criatura
um ano de viuvez
quando a sorte negra e dura
ainda lhe reservava
outra maior desventura

Até que um certo dia
ele triste e descontente
trabalhando pra criar
sua filhinha inocente
quando adoeceu da tifoide
uma febre intermitente

Vendo ele que morria
naquela febre tão forte
não podendo refreá-la
conformou-se com a sorte
confessou-se a Jesus Cristo
já nas torturas da morte

Porém antes de morrer
numa certa manhazinha
chamou o negro pai João
e entregou-lhe a filhinha
dizendo meu bom escravo
tome esta criancinha

Fique por Dono do sitio
lhe dando a manutenção
tenha ela como filha
também dê-lhe a educação
até que ela se ache
no seu uso de razão

Dizendo aquelas palavras
deu um suspiro profundo
olhou para a criancinha
e em menos dum segundo
crusou as mãos sobre o peito
partiu para o outro mundo

No outro dia pai João
muito triste e desgostoso
perto de Dona Maria
sepultou o seu esposo
e foram os dois descansarem
no seu eterno repouso

tomou conta de Emilia
em prantos sentimentais
pediu a Deus nesta hora
as graças celestiais
para que não lhe faltasse
os carinhos paternos

Chorou muito pela falta
da família Bevenuto
provando esta condolência
o pobre negro matuto
pegou Emilia e tingiu
suas roupinhas de luto

Emilinha do Socorro
cresceu bonita e nutrida
pai João lhe acariciando
como uma filha querida
era uma prenda sagrada
do mimo da sua vida

Quando formou-se de moça
era uma jovem galante
pai João á os seus cuidados
cada hora e cada instante
lhe conservando os desvêlos
igual á um pai vigilante

Emilinha do Socorro
guardava todo conceito
à quele escravo fiel
que lhe criou com respeito
e lhe empregava na vida
um amor puro e perfeito

Quando ela completou
20 anos de idade
era linda como um anjo
mas por infelicidade
foi quando Adolfo Rico
conquistou sua amisade

Logo que Adolfo Rico
pediu de Emilia a mão
em casamento, ela disse
que não dava à decisão
ia pensar uns três dias
p'ra dar-lhe a resolução

Vendo Adolfo que Emilia
não o tinha em pensamento
mandou uma alcoviteira
ageitar o casamento
Emilia então demonstrou-se
cheia de constrangimento

Porém Pai João seu escravo
chamou-a e lhe disse assim:
filhinha eu já estou velho
muito breve terei fim
aceite êste casamento
tome um conselho de mim

Pois antes da minha morte
quero te ver amparada
com um rapaz que te prese
pois tú ficando casada
eu morrerei satisfeito
com min'l'alma descansada

Te pesso quando casares
também me levas contigo
bem sabes que te criei
como escravo e pai amigo
já estou velho e cansado
preciso do teu abrigo

Emilia disse: Pai João
eu aceito o casamento
para te dar o conforto
de amparo e de sustento
no resto da tua vida
durante o teu desalento

Pela mesma alcoviteira
mandou o sim que queria
Adolfo tendo a resposta
veio com muita alegria
acertar o casamento
marcando o mes e o dia

Logo que Emilia casou
na tarde do mesmo dia
Adolfo lhe conduziu
para sua moradia
e pai João o seu escravo
foi na sua companhia

Com poucas horas chegaram
numa velha habitação
Emília quase se assombra
quando viu o casarão
sentiu um grande remôço
mas, não deu demonstração

Adolfo entrou com Emilia
naquela morada estranha
um casarão solitário
no sopé duma montanha
antiga e desmoronada
cheia de teia de aranha

Uma nuvem de morcegos
voavam de bando em bando
daquela grande telhado
no espaço rodeando
por cima do casarão
uns saindo outros chegando

Um Caboré Solitário
cantava numa biqueira
numa brecha do oitão
gemia uma ave agoreira
os urubús pernoitavam
em cima da comineira

Tinha um cemitério antigo
à um lado do terreiro
muito pertinho da casa
também ficava o oiteiro
aonde Filício rico
sepultou todo dinheiro

Logo que Adolfo chegou
com Emilia sua amada
disse apenas tome conta
de nossa antiga morada
e deu-lhe um molho de chaves
da casa malassombrada

Emilia quase assombrada
contemplava o casarão
pra todo canto que ia
chamava o negro pai João
já era as Ave-Maria
a hora de assombração

Pai João ficou desgostoso
vendo Emilia constrangida
e lhe disse: tenha calma
minha filhinha querida
pois eu irei preparar
o seu quarto de dormida

Forrou um leito de ferro
velho e todo enferrujado
aonde Filício Rico
havia se terminado
e alta noite no quarto
se via um mal-assombrado

As nove horas da noite
Emilia com o esposo
foram dormir lá no quarto
Adolfo um tanto nervoso
temendo aqueles fantasmas
daquele quarto asso-

Das onze pra meia-noite
começou um alarido
uma pessoa exclamando
dando um enorme gemido
e gritando quem me salva
oh! meu Deus estou perdido

Quem nos salva é quem nos julga
nos tira desta agonia
só Emilia do Socorro
a filhinha de Maria
esta frase a noite toda
a visão reproduzia

Emilia passou a noite
na maior perturbação
no outro quarto vizinho
também o negro pai João
não cochilou um momento
com aquela assombração

Emilia muito assombrada
no outro dia bem cedo
alguém contou lhe a história
de seu Filício em segredo
ela sabendo de tudo
quase morria de medo

Daquele mesmo momento
para o canto que ela ia
chamava o negro pai João
fôsse de noite ou de dia
e Adolfo o seu esposo
foi lhe tendo antipatia

Foi logo aumentando o ódio
no seu coração malvado
se mostrando para Emilia
cada vez mais irritado
lhe tratando com desprezo
lhe falando arrebatado

Emilia com medo dele
muito mansa lhe falava
quanto mais fôsse fiel
mais Adolfo lhe cismava
quante mais ela o queria
mais ele lhe desprezava

Para o pobre de pai João
tornou-se tão ciumento
não aceitava que o negro
visse Emilia um só momento
fechava a casa e pai João
dormia sobre o relento

Emilia se achando grávida
á ele participou
Adolfo sabendo disto
inda mais se indignou
chamou Emilia atenção
e por esta forma falou

Emilia eu casei contigo
de fato encontrei-te honrada
mas hoje estou suspeitando
que vives amasiada
com aquele negro velho
por quem tú foste criada

Emília lhe respondeu
Adolfo não diga assim
juro que te sou fiel
e serei até o fim
não macule a minha honra
tenha compaixão de mim

Adolfo tornou dizendo
ouça bem o que lhe digo
quando o seu filho nascer
se não parecer comigo
juro que lhe matarei
no mais tremendo castigo

E desde aquele momento
começou a maltratá-la
prendia-lhe os cabelos
em uma tampa de madeira
não deixando ali ninguém
ir ao quarto visitá-la

Pai João dormia amarrado
preso do lado de fora
Adolfo montava nele
furando o negro a espora
o pobre lhe suplicava
por Deus e Nossa Senhora

Passaram-se nove meses
estas duas criaturas
sofrendo com paciência
as mais cruéis desventuras
até completar o dia
das suas últimas torturas

Pai João atado ao tronco
sujeito a chuva e o vento
Adolfo mal lhe servia
um pouquinho de alimento
para ele ir resistindo
o terrível sofrimento

Emília presa no quarto
morrendo a fome e a sede
dormindo no chão imundo
por não ter cama nem rede
ele jogava a comida
por cima duma parede

Fazia pena se olhar
pai João o pobre do preto
amarrado lá num tronco
tão magro como um graveto
as custeiras divididas
parecendo um esqueleto

A pobre Emília no quarto
um dia quase que aborta
pedia por caridade
Adolfo abre esta porta
vens olhar a tua esposa
que já está quase morta

Adolfo lhe respondia
mulher infame e ruim
ou confessas o segredo
ou então tú terás fim
quantas vezes com o negro
tú atraíçoastes á mim

Emília silênciava
e levava o pensamento
a Jesus no infinito
recuperava o alento
a Providência Divina
ia lhe dando o sustento

Pai João atado no tronco
já tinha esgotado o pranto
a noite os anjos do céu
lhe cobriam com um manto
ao dia o sol entre as nuvens
sombriava aquele canto

Passaram-se nove meses
os dois naquele penar
cada qual tendo a certeza
que não podia escapar
quando aproximou-se a hora
de Emília descansar

Era meia-noite em ponto
quando Emília adoeceu
as grandes dores do parto
ela calada sofreu
as quatro da madrugada
a criancinha nasceu

Foi a maior aflicção
naquela hora fatal
pois a criancinha teve
um nascimento anormal
nasceu morrendo enforcada
no cordão umbilical

Emília com muito medo
daquele grande inimigo
a noite pelos escuros
enfrentou todo perigo
deslaçou a criancinha
depois cortou-lhe o umbigo

As seis hora da manhã
já o dia amanhecido
Adolfo passando ouviu
da criancinha o vagido
abriu a porta do quarto
pra vê o recém nascido

Como aquela criancinha
tinha nascido laçada
no cordão umbilical
quase morria enforcada
depois do seu nascimento
ficou tôda arroxiada

Adolfo olhando a criança
esturrou como um leão
dizendo: mulher infame
me dis se provei ou não?
que você estava grávida
daquele negro pai João

Nestes quatro ou cinco dias
tú me dirás direitinho
como me atraíçoaste
ou te darei descaminho
te matarei no castigo
com este teu molequinho

Emília ficou calada
vendo o que o mensiro dizia
sentindo dores do parto
traspassada de agonia
naquella hora atacou-lhe
uma grande hemorragia

deu-lhe uma grande vertigem
perdeu de tudo o sentido;
o seu filhinho chorando
em uma tanga envolvido,
e quando deu côr de si
Adolfo tinha saído

Adolfo rangindo os dentes
chegou junto de pai João
dizendo: negro bandido
provei nesta ocasião
que você com sua filha
faziam-me tração

só venho dar-lhe a noticia
que o seu moleque nasceu
vou levá-lo pra você
visitar o filho seu
é preto da côr do diabo
não pode ser filho meu

Levou o negro Pai João
para camarinhão escuro
aonde Emília se achava
hebendo fel de amargura
o pobre escravo amarrado
com um relho na cintura

Aqueles dois sofredores
a meses não se avistavam
olhando um para o outro
come criança choravam
naquello quarto maldito
seus prantos se misturavam

Naquello mesmo momento
Adolfo dando bramido
surrou o sobre do negro
com um relho greoso torcido
até deixá-lo prostado
por morto no chão caído

Logo que o negro tornou
em sangue todo banhado
êle amarrou-o pelos pés
lá sobre um pau pendurado
pra tirar-lhe o couro vivo
com um facão amolado

Na hora do sacrificio
o pobre negro exclamava
pedia por todos Santos
pendurado esperniava
quanto mais êle pedia
mais Adolfo o retalhava

Poucos minutos depois
o pobre negro pai João
entregou a alma a Deus
e Adolfo com seu facão
tirou o couro do negro
como qualquer criação

Depois desta operação
o bandido retalhou
tôda carne de pai João
numa gamela salgou
com umas varas compridas
num canto e couro espicho

Pegou os ossos do negro
cabeça, tripa e fressura
no quintal da sua casa
cavou uma sepultura
e enterrou tudo aquilo
em um metro de fundura

Depois que Adolfo rico
terminou de sepultar
todos ossos de pai João
cuidou logo em preparar
a carne do negro velho
botou no sol pra secar

E quando a carne do negro
no sol, havia enxugado
Adolfo foi vêr Emilia
naquele quarto fechado
pra lhe fazer a vingança
como tinha planejado

Naquele casa maldita
onde ninguém visitava
também não tinha justiça
aonde Adolfo morava
por isso aquele bandido
fazia o que desejava

Quando êle abriu a porta
para tomar a vingança
viu Emilia quase morta
debruçada e sem sustança
querendo botar o peito
sobre a boca da criança

Quando Emilia o avistou
atacou-lhe uma fadiga
Adolfo disse pra ela:
Emilia não se maldiga
pois vais comer carne boa
até encher a barriga

Eu já me vinguei da raiva
daquele negro bandido
fiz a carne dele em manta
o couro está estendido
e você há de comer
a carne do seu marido

Não tenha ódio de mim
por eu ser tão positivo
já que me atraçoaste
amando à um negro cativo
tú comerás êle morto
lembrando o tempo de vivo

Fica sobre os meus cuidados
todo dia eu mando assar
um pouco da carne dele
para você almoçar
a tarde o outro na janta
até a carne acabar

Não te quero em minha casa
vou te amarrar lá no mato
enquanto houver carne dele
hei de te dar um bom trato
e hás de morrer de fome
se rejeitares o prato

Emilia não respondeu
mais nada aquela serpente
viu que Adolfo era o Diabo
enformatura de gente
conformou-se com a morte
dela e do filho inocente

O seu filhinho com fome
chorava de noite a dia
Emilia espremia os peitos
e o leite não vertia
devido sua magreza
que muito pouco comia

Então nesse mesmo dia
antes de dar-lhe o almôço
Adolfo amarrou Emilia
lá num tronco dum pau grosso
com uma grossa corrente
atada no seu pescôço

Ficou Emilia amarrada
lá naquela solidão
com seu filhinho no colo
distanto a sua prisão
mais ou menos 20 metros
para pedra do rachão

Para aumentar seu sofrer
Adolfo botou dum lado
muito perto de Emilia
lá num canto recostado
o couro do negro velho
de frente todo espichado

O seu filhinho chorava
pela falta de alimento
mordido pelos insetos
despido sobre o relento
sujeito a todos rigores
do sol, da chuva e do vento

Adolfo no outro dia
trouxe a sua refeição
dentro dum prato de barro
um bocado de pirão
misturado com a carne
do negro velho Pai João

Emilia não quiz comer
Adolfo tentou força-la
ela deu uma vertigem
perdeu o senso e a fala
Adolfo deixou-lhe o prato
e não quiz mais tortura-la

no terceiro dia Adolfo
levou da mesma comida
viu a outra [tôda sã]
lá num canto apodrecida
e Emilia quase morta
já no chão desfalecida

Adolfo viu que Emilia
não tardaria a morrer
ofereceu-lhe o segundo
prato, do mesmo comer
ela apenas disse: Adolfo
dai-me água pra beber

Adolfo lhe respondeu
inda mais inforecido
eu te darei água fria
se fizeres meu pedido
comer primeiro este prato
da carne do teu marido

Dizendo aquelas palavras
botou o prato bem junto
de Emilia, então a pobre
vendo a carne do defunto
baixou a vista chorando
sem falar mais neste assunto

Do quarto dia em diante
a noite inteira chueu
pelas 10 horas da noite
o menino faleceu
com duas horas depois
Emilia também morreu

O bandido Adolfo rico
foi por lá de manhãzinha
encontrou os dois cadáveres
e viu que Emilia tinha
um dos peitos colocado
na boca da criancinha

Adolfo disse: eu não temo
os castigos de Jesus
não deixarei os cadáveres
aqui para os urubus
mas depois de sua morte
negarei-lhe um chão sem cruz

Botou 10 carros de lenha
de angico e aroeira
em cima dos dois cadáveres
fez um montão de madeira
na tarde do mesmo dia
incendiou a fogueira

Com quatro dias depois
Adolfo seguiu calado
foi olhar aquele canto
pra saber o resultado
até as cinzas de Emilia
o vento tinha levado

Daquela mesma viagem
vindo ele destruido
já bem pertinho de casa
Adolfo então foi mordido
por um cachorro doente
que ali estava escondido

No mesmo dia atacou-lhe
uma febre de repente
que Adolfo se mordia
e corria loueamente
mordendo os paus e as pedras
tudo que via na frente

Naquela grande loucura
Adolfo rico correu
dentro daquela floresta
por certo o monstro morreu
se sabe que aquele peste
nunca mais aparaceu

A fazenda e o lugar
daquele amaldiçoado
cobriu-se de jetirana
virou um malassombrado
não ficou um morador
com uma legua arredado

Logo que anoitecia
começava a confusão
Adolfo e filício rico
correndo do casarão
passando no cemitério
indo a pedra do rachão

Corriam de quatro pés
um com o outro encangado
em cima de cada qual
tinha um demônio escanchado
cobertos de labaredas
fedendo a chifre queimado

Na porta do cemitério
Emília se apresentava
tôda vestida de preto
então se Adolfo explorava
o seu perdão, mas Emília
à êle não perdoava

Todo seu padecimento
a visão passava em rosto
enquanto a outra exclamava
lamentando com desgosto
tendo um demônio atentando
Sempre sempre em seu encôsto

Ali sempre anoite inteira
aparecia a visão
na porta do Cemitério
negando a dar o perdão
aquele outro fantasma
que se achava em perdição

Passaram-se muitos anos
as visões em penitência
uma suplicando a outra
o seu perdão de clemência
enquanto ela lhe negava
inda com mais resistência

O cantor Paraguassú
indo naquele sertão
lhe contaram aquela história
êle tendo inspiração
gravou à anos passados
esta tristonha canção

Perdão Emília

CANTA PARAGUASSÚ

Já todos dormem, vem a noite ao meio
a turva lua vem surgindo além
tudo em silêncio, só se ver no campo
piar o mocho em cruel desdém

Mais nisto um vulto de roupagem preta
no cemitério com vagar entrou
junto ao sepulcro se curvando ao meio
com tristes frases nesta voz falou

Perdão Emilia se roubei te a vida
se fui impuro e cruel ousado
perdão Emilia se manchei teus lábios
perdão Emilia para um desgraçado

Monstro tirano, para que vens agora
lembrar as máguas que eu por ti passei
lá neste mundo onde vivi chorando
desde o instante que eu te vi amei

Chegou a hora, de eu tomar vingança
mas tû ingrato, não terás perdão
Deus não perdôa as tuas culpas tôdas
castigo justo tû verás então

Perdi as flôres da capela virgem
sedi ao crime que perdão não tinhas
e tû manchando a minha vida honesta
depois zombaste das fraquezas minhas

Ah! quantas vezes que aos meus pés curvando
davas-me provas de tão puro amor
quando eu julgavas que tû me adoravas
só ví o falso neste olhar traidor

Mas eis que um corpo resvalando a terra
tombou de choque sôbre a lousa fria
e quando aurora despontou na lousa
um corpo inerte a domitar se via



F i m



1061

TIPOGRAFIA

Graças — Fatima

— E —

Folhetaria São Joaquim

Rua Liberato Barroso, 725 Fortaleza — Ceará

J. B. SENA

Preço Cr\$ 60,00

Orig. cat. T. II 546